



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA ISOLINA FAZZANI

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-890

Entrevistada: Maria Isolina Fazzani

Nascimento: não informado

Local da entrevista: residência da entrevistada - São Bernardo do Campo, SP (Via Skype)

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 06/12/2018

Transcrição: Greyce Débora Caetano Barros

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Greyce Débora Caetano Barros e Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos e 20 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Aproximação com o esporte; Formação; Atuação como árbitra de handebol; Início na arbitragem; Funcionamento dos cursos de arbitragem; Federação Paulista de Handebol; Arbitragem como profissão; As mulheres na arbitragem; Preconceitos; Incentivo; Arbitras em competições internacionais; Seleção Brasileira de Handebol.

São Bernardo do Campo, 06 de dezembro de 2018. Entrevista com Maria Isolina Fazanni a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Primeiramente eu quero te agradecer, Maria, por conceder essa entrevista e gostaria que tu iniciasse contando um pouco da tua formação e como que tu iniciou na área do esporte.

M.F. - Bom, vamos lá! Na verdade, eu sempre gostei de esporte. Desde pequenininha gostava, jogava, brincava na rua, todas essas coisas. No Ensino Médio eu comecei a jogar pela escola, handebol, e uma amiga da escola jogava em um clube aqui de São Bernardo¹, se chamava Volksvagem Clube, e ela me chamou, ela falou: “Não quer ir lá treinar com a gente?” Eu falei: “Não tenho essa perspectiva.” Ela falou: “Mas vamos.” E eu acabei indo, acabei gostando, fiquei algum tempo lá no clube, enquanto eu terminava o Ensino Médio e a faculdade, e depois, como eu precisava escolher trabalhar, jogar, e handebol não é um esporte rentável, aí eu acabei indo para a área da arbitragem.

J.K. - E tu se lembra mais ou menos que idade tu tinha quando tu começou a jogar?

M.F. - No Ensino Médio uns 15 anos, mais ou menos.

J.K. - E tu jogou mais ou menos até que idade?

M.F. – Até uns 21, mais ou menos. Mas eu já apitava. Eu comecei a apitar com 18.

J.K. - Nessa época tu já tinha algum curso de arbitragem ou não?

M.F. - Não, eu fiz o curso em 1986, 1987. E aí eu comecei a apitar.

J.K. - Nessa época tu tinha que idade? Em 1987?

M.F. - Quando eu comecei a apitar tinha 18 anos.

J.K. - Bem novinha [riso].

M.F. - Bem novinha. Porque a gente tem que ter 18 anos para fazer o curso. Então eu fiz 18 e já fiz o curso.

J.K. - E nesse curso eles não pediam que tivesse nenhum tipo de curso superior, podia ter só a idade de 18 anos?

M.F. - Não era exigido. Aliás, não é exigido até agora, você tem que ter o Ensino Médio.

J.K. - E na época que tu fez esse curso, tinha alguma outra mulher fazendo ele contigo?

M.F. - Então, uma amiga que jogava no mesmo clube que eu, a Silvana²...

J.K. - É a Silvana Silva?

M.F. - Isto. Silvana Silva. Hoje ela não atua mais, mas ela é árbitra internacional. E a gente fez junto. Na época a gente foi porque morávamos perto. Nós morávamos em Santo André³. e nós fomos juntas. A gente começou nessa louca vida de arbitragem.

J.K. - Como é que eram as primeiras competições que vocês chegaram a apitar, eram mais campeonatos infantis, adultos?

M.F. - Pela Federação⁴ você faz o curso, você começa como estagiário, apitando as categorias menores, que seriam infantil, juvenil. Só que *nós*, na época que nós terminamos o curso os árbitros da Federação fizeram uma greve na época. E aí nós já começamos jogadas aos leões, a gente já começou apitando final de juvenil. Mas é mais ou menos isso que segue, você começa com o infantil, aí você vai subindo. Mas aí você apita de tudo.

¹ São Bernardo do Campo, município do Estado de São Paulo.

² Silvana Maria Silva.

³ Município do Estado de São Paulo

⁴ Federação Paulista de Handebol.

J.K. - E vocês apitavam tanto campeonatos de homens como de mulheres?

M.F. - Sim. Porque não tem essa divisão. Você pode apitar tanto masculino como feminino.

J.K. - E quando vocês fizeram o curso vocês já fizeram como uma dupla fixa?

M.F. - Então, na verdade a gente fez o curso na Federação, mas na época não era exigido uma dupla fixa. Essa dupla fixa era exigida quando você fazia o curso para a nacional, para a Confederação⁵. Então não tinha, ainda, muita essa coisa de dupla. Depois é que foi se adquirindo isso.

J.K. - Em relação a tua trajetória dentro do handebol, tu chegou alguma vez a trabalhar como técnica de alguma equipe?

M.F. - Técnica, em clube, essas coisas, não. Eu trabalhava em escolinha de esportes, na prefeitura de São Caetano⁶. Eu trabalhava com formação. E depois que eu me formei professora acabei trabalhando como... Não é uma técnica, porque você tem equipes de treinamento, mas não é exigido uma performance. Mas, assim, clube mesmo não, nunca trabalhei.

J.K. - E em relação a presença do público nas competições, desde a época que tu atuava como jogadora, como atualmente como árbitra, como tu vê a presença desse público?

M.F. - Eu acho que teve uma época que as competições escolares, pelo menos aqui em Santo André eram bem mais... *Lotava!* As escolas iam, os pais. Depois deu uma diminuída, e hoje em dia só os jogos da categoria adulto, masculino e feminino, ou quando é alguma final, que tem um público maior. Por exemplo, ontem eu trabalhei na mesa da final feminina do júnior. E estava lotado no *píer*, então tinha umas trezentas pessoas. Mas jogos regionais costumam ter bastante público, jogos abertos. Mas o handebol ainda não é um

⁵ Confederação Brasileira de Handebol.

⁶ Município do Estado de São Paulo

esporte de tão grande visibilidade. Ele não consegue atingir um público de voleibol ou um outro esporte assim.

J.K. - Agora voltando à arbitragem, no caso, como que são as etapas no curso de arbitragem?

M.F. - Bom, quando eu fiz era uma, hoje é outra. Quando eu fiz, o meu curso demorou em torno de dois meses. Aí nós fizemos a parte teórica. Tinha uma parte prática, que era posicionamento em quadra, com o próprio grupo a gente fazia as equipes ali e fazia um jogo de brincadeira para se mostrar como é que se apita, a postura, enfim. Hoje o curso é de um final de semana. Então é um dia, só parte teórica, outro dia uma parte de súmula e o outro, uma parte de vídeo, essas coisas. E aí depois, passando nas provas você já começa a atuar na federação.

J.K. - E em relação ao curso para a categoria nacional e internacional também funciona nesse esquema de um final de semana?

M.F. - Não, o curso para nacional você é indicado pela Federação, geralmente você vai para um campeonato. Então, por exemplo, um brasileiro juvenil. Você atua no campeonato, e durante o campeonato você vai fazer provas teóricas e vai fazer a parte física também. Que hoje a gente usa o *Leger*⁷. Então você tem que atingir... E também apita. Você é avaliado na parte de quadra. Então são três momentos. Teórico, o momento da parte física, que é o teste em si, de acordo com a idade você tem um número de voltas que você tem que fazer. E a avaliação durante os jogos também.

J.K. - E na parte internacional também é assim?

M.F. - Na parte internacional você é indicado pela Confederação. Só que a IHF⁸, hoje ela tem uma postura que ela quer jovens talentos. Então ela quer o pessoal bem mais novo. Eles têm um... Se chama jovens talentos mesmo. Então são alguns árbitros que são trabalhados para depois fazer o curso para internacional. Então eles são testados em

⁷ Teste de Aptidão Física.

⁸ Federação Internacional de Handebol.

campeonato Pan-Americano, campeonato Sul-Americano, para depois chegar a Internacional. Ou você é indicado, aí você pula essa parte, dependendo, e já vai lá... É a mesma coisa, você vai para um torneio, fica lá, é avaliado teoricamente, é avaliado fisicamente, e também tem uma nota prática. A diferença é que lá você faz tudo em inglês.

J.K. - Tem uma outra língua também.

M.F. - Sim, você tem que, pelo menos, dominar alguma coisa do inglês.

J.K. - E tu sabe me dizer, mais ou menos, quantas mulheres a Federação Paulista tem na arbitragem hoje?

M.F. - Hoje? No quadro... Porque tem mulheres que atuam só na parte de mesa, então elas só fazem súmula e cronômetro. Agora, que apitam, deixa eu pensar...A Silvana, a Andreia⁹, a Dai¹⁰, a Vivi¹¹... Olha, acho que não chega a quinze mulheres.

J.K. - Certo, mas é próximo a isso?

M.F. - É, eu vou colocar de dez a quinze. Algumas que eu lembro porque eu trabalho com elas, mas talvez eu possa esquecer de alguém, mas é no *máximo* isso.

J.K. - E no total de árbitros, tem mais ou menos quantos na Federação, entre homens e mulheres.

M.F. - Uns cem, mais ou menos.

J.K. - São bastante árbitros.

M.F. - E o nosso quadro ainda é pequeno. Para a demanda de São Paulo, que teoricamente é a capital do handebol. Então, por exemplo, a gente aqui em São Paulo apita praticamente

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

todos os dias porque não é só Federação. É Federação, são competições universitárias, campeonatos escolares. Então, para a nossa demanda, é bem pequeno o quadro.

J.K. - Tem o lado bom, mas também tem o lado ruim né [risos].

M.F. - É, o lado bom é que você vai trabalhar mais e vai ganhar mais. O lado ruim é que às vezes você acaba repetindo muitas equipes e aí acaba tendo uma indisposição maior, vamos dizer assim. Mas é, tem os dois lados.

J.K. - E já falando um pouco dessa questão da demanda, tu consegue ver a arbitragem hoje como uma profissão?

M.F. - Não, no caso do handebol, para mim, não. Eu conheço pessoal que só trabalham com isso. Mas eu, enxergando de uma maneira de querer ter uma vida mais estável, eu não diria isso. Porque o que acontece, nós apitamos de março a dezembro. Então por exemplo, agora já é bem pouquinho, tem poucos jogos, já vai encerrando, ou seja, você acaba ficando janeiro, fevereiro e março sem apitar. Se você reprovar na prova, porque a gente faz prova anual, então no começo do ano nós fazemos teórica e física, se você reprovar, você não vai apitar até julho, que é onde tem uma segunda prova. Então, se você machucar o seu pé, por exemplo, eu fiquei quase quatro meses sem poder apitar, porque eu tive um problema no calcâneo. Então, como é que você vai fazer? Eu não acredito que... E assim, financeiramente, eu vou te dar uma... Um árbitro de futebol, uma árbitra, vou te dar um parâmetro feminino, que eu tenho amigas que são árbitras, ganha em torno de oitocentos, novecentos reais. Uma árbitra de handebol vai ganhar duzentos reais. Então não dá, eu não vejo como. Eu vejo, para mim, como um complemento de renda, e também um *hobby*.

J.K. - E o que tu comentou agora que tu ficou machucada e ficou quatro meses afastada, a Federação da algum tipo de auxílio para vocês em relação a isso?

M. F. - Não, nós não temos nenhum vínculo empregatício com a Federação. Então não, machucou, se vira!

J.K. - Maria, eu queria te perguntar, também não sei se tu tem como saber isso, mas saberia me dizer quem foi a primeira mulher a fazer um curso de arbitragem do handebol no Brasil?

M.F. - Eu fiquei vendo essa questão, eu não sei quem foi a primeira árbitra não. Não consigo pensar nisso e, antes de mim tinham algumas pessoas, mas eu não sei antes delas. O que eu posso te falar, eu sei da primeira árbitra internacional que foi a Silvaninha e a Carla¹², que foi a dupla internacional. Mas a primeira árbitra eu não sei te falar. Eu teria que dar uma olhada, uma pesquisada. Eu posso até tentar achar essa resposta para você com algum árbitro que deu curso para gente, que daí ele é mais velho, pode ser que ele saiba.

J.K. - Mas se tu puder ver isso eu te agradeço, seria ótimo saber quem foi a primeira mulher.

M.F. - Eu vou tentar achar isso para você.

J.K. - Certo, muito obrigada! Agora falando um pouco sobre a questão da visibilidade do handebol aqui no Brasil, tu acredita que o handebol, como um esporte olímpico, a Confederação Brasileira tem algum projeto de visibilidade para a modalidade?

M.F. - No momento, eu acho que a Confederação não tem quase nada, porque está passando por uma sindicância, o presidente está respondendo um processo bem sério. Na verdade, acho que o handebol agora está passando por um momento de crise. Ele passou pelo seu melhor momento quando a nossa seleção feminina foi campeã mundial. Eu acho que era o melhor momento do handebol. Hoje é um momento meio ruim. O que eu acho de interessante que a Confederação está fazendo, ela tem um projeto chamado Acampamentos¹³, que são escolhidos, os próprios técnicos dão alguns nomes de atletas e eles vão para um acampamento... Inclusive está tendo um agora no centro de treinamento, fica em São Bernardo, e eles ficam lá durante... Eu não sei, mas acho que dez dias, e eles passam por treinamento com todos os técnicos, então não é só o técnico dele, são vários, e

¹² Carla Righeto.

¹³ Acampamento Nacional de Handebol.

aí eles têm um aprimoramento lá. Eu acho que esse é um trabalho muito legal que a Confederação começou a desenvolver depois que o Espanhol¹⁴ veio para cá, que agora eu esqueci o nome dele. É o que era técnico da seleção masculina, mas ele foi embora. Foi ele que trouxe esse projeto para cá, a Confederação adquiriu, e para mim é o ponto melhor da Confederação. Mas não vejo a Confederação fazendo nada mais que isso.

J.K. - E em relação a arbitragem, e especialmente as mulheres, a Federação tem algum projeto que busque, ou que visibilize melhor a arbitragem para que mais mulheres possam participar?

M.F. - Não, nem em nível de Federação Paulista, nem em nível de Confederação. A internacional, a IHF, no ano passado eu acho, estava querendo isso, ter mais mulheres na arbitragem internacional. Mas aí não é uma coisa que chega até a gente. Porque na verdade nós somos um país de terceiro mundo para eles. Então não chega até aqui. Mas lá eles estavam com esse projeto, de aumentar o número de mulheres na arbitragem internacional.

J.K. - E agora, vendo a questão da participação das mulheres na arbitragem em grandes competições, como mundiais, as próprias Olimpíadas, como tu vê a participação das mulheres na arbitragem desses campeonatos?

M.F. - Eu acho que a gente ainda tem um preconceito aí, porque as mulheres... Porque assim, a gente vai falar em nível internacional. Aqui, por exemplo, na Federação, nós temos uma visibilidade, a gente apita final de campeonato paulista, masculino e feminino, a gente apita final de jogos abertos. Então *aqui*, no Brasil, eu acho que a gente até tem uma visibilidade. Fora daqui existe um padrão, que é assim, o padrão internacional, a menina dos olhos deles é o mundial masculino. Mulher não apita final de mundial masculino. Só homens. Então mulher pode apitar final de mundial feminino. Assim como homem. Só que mulher não pode apitar final de mundial masculino, e para mim isso é um preconceito. Porque que eu não posso apitar? Se eu tenho nível para isso eu deveria poder apitar. Acredito que nas Olimpíadas também acaba acontecendo isso. As mulheres podem até apitar uma final feminina, como aconteceu aqui no Brasil, no mundial que as francesas, que hoje é o *top*, são duas gêmeas, e elas são o padrão *top* da IHF, então elas apitaram, mas também, as

¹⁴ Jordi Ribeira.

mulheres sofrem uma certa discriminação. Tanto é que para as Olimpíadas no Brasil, eu fui lá assistir, tinha a dupla francesa, tinha uma dupla russa e só. Então eram duas duplas femininas para trinta duplas masculinas. Então existe, realmente, um preconceito.

J.K. - E quando tu iniciou a arbitragem, tu sentiu algum tipo desse preconceito?

M.F. - Senti sim. Não preconceito dos árbitros, preconceito dos técnicos, dos jogadores, tipo “mulher apitando jogo da gente...”. Então tinha. Hoje tem muito pouco. Hoje é bem menor. Mas ainda existe. Aquela coisa de “Puts, mulher?!” Sabe? Tipo: “Vai para o fogão”” Era mais ou menos isso. Mas eu acho que a gente venceu essa batalha, eu acho que a gente foi abrindo caminho, provando que tinha capacidade, adquirindo um nome. Então, hoje, é bem mais tranquilo. Hoje vai brigar, vai xingar, mas independente se é homem ou mulher.

J.K. - E dentro da arbitragem tu percebe como árbitra algum tipo de xingamento durante os jogos? Porque sempre tem xingamentos para os árbitros, árbitras, enfim

M.F. - Dos mais variáveis possíveis. Tem vários. Vão te xingar de palavrões ou questionar sua sexualidade, isso é muito comum. Chamar o árbitro de viado, a árbitra de sapatão, enfim, é uma coisa que eles usam muito. Mas também, outra coisa que se nota, é que até isso já diminuiu. Então hoje o cara fala: “Vai se fuder” “Vai tomar no seu cu”, “Sua ruim”, mas mudou-se algumas coisas. Mas xingamento dos mais variados. Não pense você que minha mãe saiu ilesa, ou que não foi posto em prova qualquer coisa... Não, eles xingam. Depende muito de onde você vai apitar. Quanto mais no interior parece que eles são menos preparados, então eles te xingam mais.

J.K. – E tu acha que o fato de tu ser mulher tu recebe mais xingamentos que os homens?

M.F. – Não, eu acho que o contrário. Eu acho que tem até algo do respeito por você ser mulher. Eu acho que aí, nesse ponto, *no handebol*, eu acho que é ao contrário. Por exemplo, um jogador ir para cima de um árbitro e bater. Já aconteceu! De uma mulher nunca. Pode até ser que perca a cabeça, mas sempre vai ter alguém ali: “Pô, mas é mulher”, então eu acho que não, é ao contrário.

J.K. - Teria algum objeto que simbolize a arbitragem para ti, ou que te remeta à tua trajetória no handebol?

M.F. - É, então, eu fiquei pensando nisso. Eu não entendi muito bem essa questão. Como assim? O que seria esse objeto?

J.K. - Qualquer objeto, algo que tu pense nele e isso te lembre a arbitragem ou isso te lembre o handebol.

M.F. - Um apito. Eu acho que é a coisa que mais remete à arbitragem. Eu acho que a gente tem uma coisa com o apito. Por exemplo, eu não apito com o apito de outra pessoa. Eu não empresto o meu apito. Ele tem um silicone para não morder, porque eu quebro o apito porque eu aperto. Então eu acho que o apito é uma coisa que tem uma que gosta de apito amarelo, o outro de apito preto, o outro quer apitar com dois apitos na mão. Então eu acho que apito é algo que remete a isso.

J.K. - É muito particular.

M.F. - É, é muito particular de cada árbitro.

J.K. - Bom, o que eu tinha para te perguntar era mais ou menos isso, eu não sei se tu teria mais alguma coisa que tu gostaria de colocar.

M.F. - Eu acho que falta um incentivo para o handebol em si, um olhar mais carinhoso para uma modalidade tão bonita, embora as pessoas falem: “Nossa, que agressividade.” Não, aquilo não é agressividade. É vitalidade, é diferente. Eu acho que falta um olhar mais carinhoso do nosso país em relação a isso porque o nosso esporte é o mais praticado em nível escolar, é um esporte fácil. Eu acho que mais incentivo também até para que as mulheres possam estar brigando nesse mercado. Porque não é fácil você sair da sua casa, você viaja... Por exemplo: eu fico dez dias fora, durmo fora de casa, às vezes a gente tem que dividir o mesmo espaço com o pessoal que está com a gente, os meninos, é que você acaba virando uma família. Então eu acho que falta um incentivo, das faculdades de

Educação Física, da Confederação, enfim, um incentivo para o esporte. Porque se a gente ganhasse melhor a gente poderia realmente se tornar um profissional de arbitragem. Então eu acho que falta esse incentivo. Mas acho que é isso. Não tenho muito mais para falar. Você tem mais alguma questão que queira saber?

J.K. – A princípio era isso. Te agradeço mais uma vez por ceder a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]